



**USO DE SEQUÊNCIA DIDÁTICA NO ENSINO BÁSICO A PARTIR DE PLANTAS  
MEDICINAIS EM UMA COMUNIDADE CAMPESINA**

**USE OF TEACHING SEQUENCE IN BASIC EDUCATION BASED ON  
MEDICINAL PLANTS IN A RURAL COMMUNITY**

**USO DE SECUENCIA DIDÁCTICA EN EDUCACIÓN BÁSICA UTILIZANDO  
PLANTAS MEDICINALES EN UNA COMUNIDAD CAMPESINA**

Joice Soares de Oliveira<sup>1</sup>

Maria Jaislanny Lacerda e Medeiros<sup>2</sup>

**RESUMO:**

Quando se trata do ensino de Botânica, geralmente, nota-se desinteresse e distanciamento, tanto pela falta de compreensão de conteúdos complexos quanto pelo ensino descontextualizado da realidade dos educandos. Dessa forma, esta pesquisa objetivou investigar o uso de plantas medicinais em uma comunidade campesina, com o intuito de abordar esses saberes no ambiente escolar, visando a consolidar os conhecimentos pautados na valorização do conhecimento tradicional. Partindo dessa premissa, os sujeitos da pesquisa foram 26 moradores e 15 alunos. Antes do desenvolvimento da sequência didática na escola, realizou-se uma pesquisa com moradores em suas residências, lançando mão de um questionário com perguntas sobre informações pessoais e uso de plantas medicinais. Ademais, fizeram-se registros fotográficos da(s) planta(s) citada(s) para a elaboração de uma cartilha, contendo dado como nome científico e popular, parte utilizada, modo de preparo e finalidade de uso, além de descrição da planta, de acordo com a literatura especializada. A pesquisa foi descritiva com abordagem qualitativa e quantitativa. Os principais resultados demonstraram o conhecimento e os saberes prévios que moradores e alunos têm a respeito das plantas medicinais. A realização da sequência didática em sala de aula consentiu aliar os saberes prévios dos discentes com os adquiridos após a pesquisa, servindo de elo entre o conhecimento popular e científico, e a cartilha com os dados das plantas citadas pelos moradores foi usada para sedimentar o

<sup>1</sup> Especialista em Educação do Campo/ Ciências da Natureza- UFPI, Graduada em Licenciatura em Educação do Campo/ Ciências da Natureza- UFPI. Orcid ID: <https://orcid.org/0009-0002-8860-1355>. E-mail: [joicesoares097@gmail.com](mailto:joicesoares097@gmail.com).

<sup>2</sup> Doutora em Biologia Vegetal, Mestra em Melhoramento Genético de Plantas, Licenciada e Bacharela em Ciências Biológicas, Professora da Licenciatura em Educação do Campo/Ciências da Natureza da Universidade Federal do Piauí (UFPI). Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0003-3912-5073>. E-mail: [jaislanny@ufpi.edu.br](mailto:jaislanny@ufpi.edu.br).



conhecimento sobre as plantas medicinais, além de valorizar os saberes dos povos tradicionais.

**Palavras-chave:** Botânica. Educação do Campo. Saber tradicional.

## **ABSTRACT:**

When it comes to teaching Botany, there is generally a lack of interest and distance, both due to the lack of understanding of complex contents and the teaching out of context with the students' reality. Thus, this research aimed to investigate the use of medicinal plants in a peasant community, with the aim of approaching this knowledge in the school environment, aiming to consolidate knowledge based on the appreciation of traditional knowledge. Based on this premise, the research subjects were 26 residents and 15 students. Before the development of the didactic sequence at school, a survey was carried out with residents in their homes, using a questionnaire with questions about personal information and the use of medicinal plants. In addition, photographic records were made of the mentioned plant(s) for the preparation of a booklet, containing data such as scientific and popular name, part used, method of preparation and purpose of use, in addition to a description of the plant, according to the specialized literature. The research was descriptive with a qualitative and quantitative approach. The main results demonstrated the knowledge and prior knowledge that residents and students have about medicinal plants. Carrying out the didactic sequence in the classroom allowed combining the students' prior knowledge with that acquired after the research, serving as a link between popular and scientific knowledge, and the booklet with data on the plants cited by the residents was used to consolidate knowledge on medicinal plants, in addition to valuing the knowledge of traditional peoples.

**Keywords:** Botany. Rural Education. Traditional knowledge.

## **RESUMEN**

Cuando se trata de enseñar Botánica, generalmente existe desinterés y distanciamiento, tanto por la falta de comprensión de contenidos complejos como por una enseñanza descontextualizada de la realidad de los estudiantes. Por lo tanto, esta investigación tuvo como objetivo indagar en el uso de plantas medicinales en una comunidad campesina, con el objetivo de abordar estos saberes en el ámbito escolar, buscando consolidar conocimientos basados en la valoración de los saberes tradicionales. Partiendo de esta premisa, los sujetos de la investigación fueron 26 residentes y 15 estudiantes. Antes de desarrollar la secuencia didáctica en el colegio, se realizó una encuesta a los residentes en sus hogares, mediante un cuestionario con preguntas sobre información



personal y el uso de plantas medicinales. Además, se tomaron registros fotográficos de las plantas mencionadas para elaborar un folleto que contiene datos como nombre científico y popular, parte utilizada, método de preparación y finalidad de uso, además de una descripción de la planta, según literatura especializada, la investigación fue descriptiva con un enfoque cualitativo y cuantitativo. Los principales resultados demostraron los conocimientos y conocimientos previos que tienen los residentes y estudiantes sobre las plantas medicinales. La realización de la secuencia didáctica en el aula permitió combinar los conocimientos previos de los estudiantes con los adquiridos después de la investigación, sirviendo de nexo entre el conocimiento popular y el científico, y se utilizó la cartilla con datos de las plantas mencionadas por los pobladores para consolidar los conocimientos sobre las plantas medicinales, además de valorar los conocimientos de los pueblos tradicionales.

**Palabras clave:** Botánica. Educación Rural. Conocimientos tradicionales.

## INTRODUÇÃO

A Botânica é a ciência que estuda as plantas, e seu ensino é acompanhado de muitos conceitos, termos e processos evolutivos de adaptação do ambiente aquático para o terrestre. Quando se trata de ensinar sobre os vegetais aos discentes de ensino básico, geralmente, percebe-se desinteresse e distanciamento, tanto pela falta de compreensão de conteúdos complexos quanto pelo ensino descontextualizado da realidade dos educandos (Freitas; Schelini; Peres, 2017).

Especificamente quando se discorre sobre as plantas medicinais, também se observa falta de interesse, embora boa parte dos estudantes já conheça o uso delas a partir de seus familiares, mas não conseguem fazer essa interligação.

Aliás, Lustosa e Mariana (2017) destacam que nos últimos tempos, o interesse dos jovens pelos conhecimentos populares vem diminuindo consideravelmente, principalmente pela migração para os grandes centros urbanos. Contudo, essa realidade precisa ser alterada e, para tanto, é imprescindível trabalhar esses saberes na escola.

Ao falar do uso de plantas medicinais, trabalha-se um conteúdo interdisciplinar, pois é um conhecimento presente não só na Botânica, em Ciências e na Biologia, como também na História, porquanto existem registros datados de 2.500 a.C. sobre a

utilização de plantas com finalidade terapêutica e medicinal por populações de países como China, Índia, Egito e Grécia, Alves (2013).

No Brasil, tal uso vem, sobretudo, dos povos indígenas, pois eles não tinham acesso a medicamentos de origem sintética, encontrando nas plantas a única fonte para o tratamento/cura de doenças, além de não ter custos (VALLE, 2009). Cabe destacar que as plantas medicinais são fontes importantes de substâncias usadas para melhorar a saúde do indivíduo, e os princípios ativos para considerá-la medicinal são extraídos principalmente das folhas (Barracho, 2011).

Assim, quando se aborda o uso dessas plantas para fins terapêuticos, denota-se que deve haver em seus órgãos (raiz, caule, folhas, flor, fruto e sementes) substâncias que podem ser empregadas no tratamento de doenças. Porém, necessita-se de cautela, pois existem espécies vegetais que contam com toxicidade que, em alta dosagem, podem causar problemas à saúde, inclusive serem fatais (Cunha, 2013).

Esses saberes sempre foram conhecidos pelos camponeses, que utilizam as plantas de seus quintais para o tratamento de doenças, como hipertensão arterial, diabetes e inflamações. Deveras, esses conhecimentos são repassados de geração a geração, como forma de preservar e valorizar esses vegetais (Bueno; Taitelbaum, 2008).

Pelo exposto, o ensino em comunidades tradicionais deve estar ligado à valorização, integrado aos conhecimentos prévios dos alunos, de modo que exista a ponte entre saber científico e saber popular (Rosa; Robaina, 2020).

Nessa perspectiva, uma das formas de permitir que essa cultura seja disseminada nas instituições de ensino é realizando atividades dinâmicas para integrar os saberes populares e os conceitos já existentes nos conteúdos de Botânica abordados em sala de aula, a exemplo da sequência didática, apontada por Zabala et al. (2016) como uma das formas de diversificar o ensino, pois integra diferentes tipos de atividades, como pesquisa individual ou coletiva, aulas práticas e leitura.

Por esse viés, Andrade (2016) propõe que ao pensar em sequência didática, é importante levar em consideração a realidade dos participantes da atividade, a fim de

que a escolha do material didático se harmonize com a vivência dos estudantes. Assim, como possibilidade, sugere-se a cartilha, que proporciona um despertar sobre o conhecimento a ser trabalhado em sala de aula.

O uso da cartilha como ferramenta didática no ensino de Botânica permite que os professores abordem de forma lúdica assuntos considerados complexos, além de auxiliar o ensino com a utilização de recursos audiovisuais, como a ilustração, tornando a aula mais atrativa para a aquisição dos conhecimentos (Freitas; Schelini; Peres, 2017).

Diante desse contexto, o tema foi escolhido pela necessidade da valorização de plantas medicinais encontradas na comunidade e pela falta de contextualização do ensino de Botânica na escola. Assim, esta pesquisa investigou o uso de plantas medicinais de uma comunidade campesina, com vistas a abordar esses saberes em ambiente escolar, almejando consolidar os conhecimentos pautados na valorização do conhecimento tradicional. Além de elaborar uma cartilha sobre as plantas medicinais, que foi apresentada ao término da sequência didática aos alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA) do ensino fundamental da escola da comunidade.

## **DESENVOLVIMENTO**

### **Revisão da Literatura**

Ensinar Ciências é algo que desafia professores, pois é uma das disciplinas em que os alunos mais apresentam dificuldades de assimilação, devido aos nomes e conceitos que divergem da linguagem comum e habitual dos educandos, causando distanciamento da disciplina. Quando se alude aos conteúdos, esses já vêm estabelecidos e com orientações para que o professor apresente toda a diversidade de seres vivos, e nesse processo, os alunos ficam cada vez mais alheios, em decorrência da ausência de relação com o seu cotidiano (Krasilchik, 2016).

Ainda de acordo com o supracitado autor, a proposta no currículo dos conteúdos, nomeadamente em relação ao ensino dos vegetais, tende a reduzir o tempo que esse professor poderia usar para planejar uma forma diversificada de fazer

relações analógicas, melhorando e facilitando o entendimento dos estudantes, o que tornaria a aprendizagem significativa.

Ao envidar uma análise sobre como atualmente acontece o ensino das plantas no ensino de ciências, depreende-se uma constante intensificação da memorização e não da aprendizagem, sem despertar nos estudantes o senso crítico, no sentido da educação de instrução. Tendo isso em vista, ratifica-se a importância da contextualização e do uso de novos métodos de aprendizagem a fim de estabelecer relações entre os conhecimentos prévios dos estudantes e os adquiridos em sala de aula, sendo algo primordial para a assimilação dos saberes. Nessa lógica, como sugestão, apresenta-se a sequência didática como bastante atraente (Amaral; Resende, 2018).

O referido termo, no Brasil, apareceu com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), significando sequência de atividades, e vem ganhando força, pois além de permitir maior participação dos alunos, pode ser usada em todas as disciplinas para melhorar o ensino e a aprendizagem dos educandos (Machado; Cristovão, 2009).

Pedagogicamente, pode ser dividida em três etapas: abertura, desenvolvimento e fechamento, não havendo um número de aulas programadas e definidas para chegar ao objetivo almejado, sendo que precisam estar interligadas com a construção de saberes (Lima, 2021). A sequência didática pode ser desenvolvida com os conteúdos presentes nos currículos do ensino básico, representando um conjunto de atividades estratégicas planejadas por etapa, o que permite o entendimento do conteúdo trabalhado de forma menos complexa – daí porque o conhecimento é adquirido mais facilmente.

Por meio das sequências, o professor pode observar e entender qual a maior dificuldade de seu aluno, e durante sua realização, promover a mediação instrutiva, ou seja, ajudar os alunos no processo de aprendizagem (Kobashigawa et al., 2008).

Nessa direção, entende-se que a sequência didática é uma forma de organizar, de forma sequencial, a execução de atividades, coerentemente entre o que será ensinado (conteúdo), como será ensinado (forma) e quem vai aprender

(destinatário). Pois, é inegável considerar a relação desses três elementos no momento do planejamento.

Para haver a transformação do saber, Basso, Santos-Neto e Bezerra (2016) realçam que é preciso uma seleção do saber sistematizado, descobrir e organizar os elementos necessários para o desenvolvimento intelectual dos alunos, mediante o uso de uma metodologia assertiva e viável, de maneira que essa sequência permita a assimilação do conteúdo. Ou seja, é indispensável criar o senso crítico e reflexivo no aluno baseado em uma problemática presente no seu cotidiano. Assim, o aluno se apropria e incorpora um novo conhecimento, podendo atuar e se posicionar na sociedade de forma crítica.

As sequências didáticas são, portanto, de caráter meritório, quando bem planejadas imprimem a real significância do objeto de estudo. Durante a organização, o professor pode usar tabelas, gráficos, cartilhas, visando sempre à melhoria do ensino. Portanto, essa metodologia consente a evolução do aprofundamento do estudo (Lima; Gandin, 2019).

O uso da cartilha física ou virtual como ferramenta na sequência didática constitui um recurso lúdico, divertido e didático, por apresentar em sua estrutura ilustrações que despertam uma atenção maior, podendo ser adaptada a diversos conteúdos e conceitos, como nesta pesquisa, visando a fundamentar os conhecimentos prévios e adquiridos em sala de aula sobre as plantas medicinais, intentando a melhoria dos conhecimentos dos estudantes (Motatti, 2018).

### **Procedimentos Metodológicos**

A pesquisa foi realizada na comunidade Olho D'água Grande, nome advindo da existência de um olho d'água usado pelos primeiros moradores, pertencente a Juazeiro do Piauí/PI/Brasil, que recebe esse nome pela presença do juazeiro (*Ziziphus joazeiro* Mart.), também conhecida como juá, onde os tropeiros repousavam para se alimentar. O modo de subsistência dos agricultores rurais é a produção de milho (*Zea mays* L.) e de feijão (*Phaseolus vulgaris* L.), bem como a extração de pedras de quartzito.



A Unidade Escolar Antônio Ângelo Visgueira, localizada nessa comunidade, possuía, no segundo semestre de 2022, turmas de EJA com 15 alunos matriculados, logo, os sujeitos da pesquisa foram 26 moradores e 15 alunos.

Antes do desenvolvimento da sequência didática na escola, efetuou-se a pesquisa com moradores em suas residências, a partir de um questionário com perguntas sobre informações pessoais e uso de plantas medicinais. Posteriormente, com autorização do morador, fizeram-se registros fotográficos das plantas citadas para a elaboração da cartilha impressa, contendo informações como: nome científico e popular; parte utilizada; modo de preparo; finalidade de uso; além da descrição da planta, de acordo com a literatura especializada.

A sequência didática foi desenvolvida em etapas, sendo cada fase realizada em uma aula. Na primeira etapa, aconteceu uma roda de conversa esclarecendo sobre sequência didática, plantas medicinais, como elaborar a *exsicata* (planta ou parte da planta, preferencialmente com flores e frutos, desidratadas e afixadas em cartolina, com os dados sobre o exemplar vegetal), além de mencionar sobre a cartilha que seria confeccionada e apresentada.

Na segunda etapa, a turma foi dividida em três grupos com cinco alunos, e cada estudante coletou uma espécie para elaborar a *exsicata*. A escolha do vegetal foi livre, havendo a obrigatoriedade de ser planta medicinal, do quintal de sua casa, além de serem espécies diferentes.

Na terceira etapa, houve a higienização do material vegetal na escola, retirando-se insetos ou larvas, caso presentes. Em seguida, o material vegetal coletado foi identificado e envolto em jornal, sendo colocado dentro de um livro para prensá-lo. O livro permaneceu na parte externa da escola para acelerar o processo de secagem. Cerca de 20 dias após a secagem, as folhas perderam a coloração natural.

Na quarta etapa, as *exsicatas* foram finalizadas, o material vegetal seco foi colado em cartolina, juntamente com a ficha de informações. Em seguida, procederam-se as apresentações dos estudantes.



Na quinta etapa, os estudantes responderam a uma atividade sobre a sequência didática, com perguntas que versavam sobre dados pessoais, planta medicinal e opinião sobre o trabalho desenvolvido.

Na sexta etapa, a cartilha <sup>3</sup> foi apresentada aos alunos finalizando a sequência didática. Alguns moradores da comunidade também participaram desse momento na escola.

A pesquisa foi descritiva, com abordagem qualitativa e quantitativa. A primeira consiste na observação de fatos, assim como sua descrição, voltada para a compreensão e organização, permitindo maior descrição das informações (Peixoto, et al., 2018). A segunda caracteriza-se por mensurar as porcentagens das respostas para uma análise mais acurada dos dados, com intermédio do programa Excel para confecção de gráficos.

As respostas foram expostas na ordem de coleta e transcritas na íntegra, destacadas em itálico. Por princípios éticos, nomes de moradores e alunos não foram citados, sendo as letras do alfabeto usadas para identificá-los.

## **Resultados e Discussão**

### **Pesquisa com os Moradores**

No tocante à faixa etária, observou-se ampla variação entre os moradores, de 22 a 82 anos, com porcentagem representativa para idosos, já que 54% tinham de 63 a 82 anos. A propósito, Chen et al. (2019) ressaltam que ao longo dos anos, com o avanço da medicina e dos tratamentos alternativos, a população apresentou aumento na expectativa de vida, corroborando os resultados encontrados neste estudo.

Quanto ao gênero, notou-se que o número de mulheres na comunidade é superior: 58%. Esse resultado ratifica os dados do Censo demográfico de 2021, segundo o qual cerca de 52% da população brasileira é do sexo feminino (IBGE, 2021).

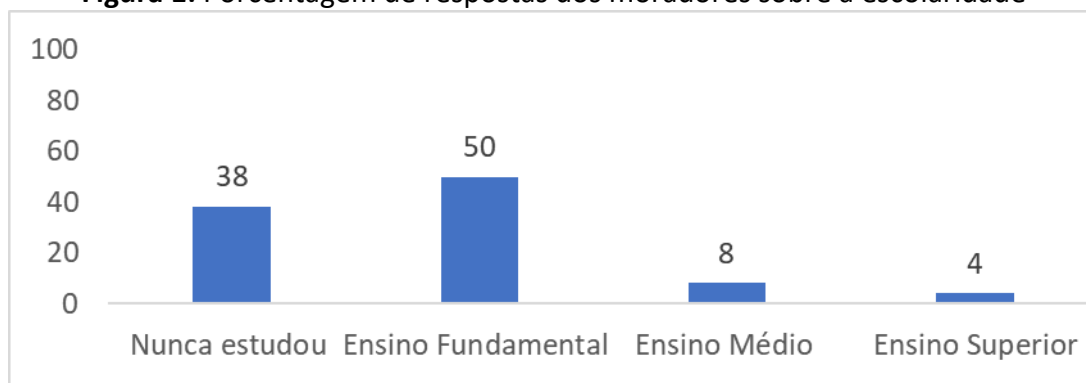
---

<sup>3</sup> Alocação da cartilha

<https://drive.google.com/drive/folders/15leraxTYQ598VNnDMqUUo1PuWuNTgIG>

No que se refere ao nível de escolaridade, apenas 4% possuíam formação superior, enquanto 38% nunca estudaram (Figura 1), desvelando que, possivelmente, não foi assegurada a parte desses campesinos o acesso à escola, de forma a atender às suas peculiaridades. De acordo com as Diretrizes Operacionais para a Educação do Campo, as escolas devem adaptar-se para receber alunos de comunidades rurais, em defesa do acesso e da garantia da escolaridade na idade certa (Souza, 2015).

**Figura 1:** Porcentagem de respostas dos moradores sobre a escolaridade



Fonte: Os autores.

Quanto ao tempo de residência na comunidade, 71% moram desde que nasceram; 12%, há mais de 40 anos; e 17%, há cerca de 20 anos. Esses percentuais evidenciam o vínculo que os campesinos têm com a comunidade.

Em consonância com Kaufman (2018), o entendimento dos povos do campo como sujeitos ativos, políticos e detentores de direito permite que não saiam de suas comunidades para procurar melhores condições em centros urbanos, além de fortalecer essa ideia para os moradores jovens, fazendo com que haja mais mobilização na busca de melhorias e desenvolvimento para esses locais.

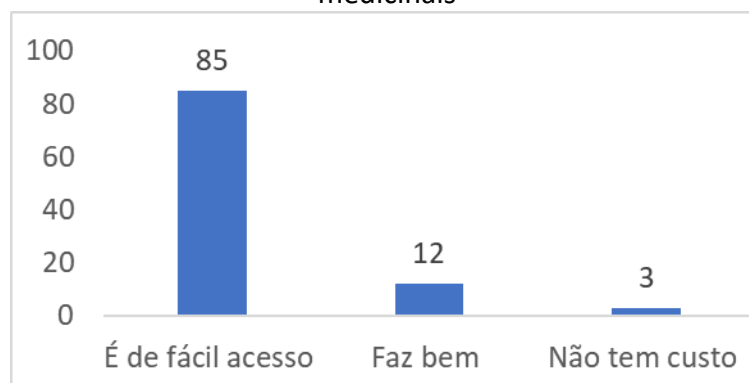
Em relação às questões sobre plantas medicinais, inicialmente, perguntou-se se fazem uso delas, e todos responderam positivamente. É notório que essa afirmação se relaciona ao baixo custo e à facilidade de acesso, como ressaltado por Pereira (2017), o que também foi confirmado neste estudo, ao informar onde conseguiam as plantas: 69% encontram no quintal de casa; 19%, na natureza; e 12%, com os vizinhos.

O maior percentual sobre o cultivo ao redor de casa corresponde aos argumentos de Bennett (2015), ao exprimir que a colonização e a vinda dos povos africanos ao Brasil, além das influências dos povos indígenas, ensejaram que os sujeitos da atualidade cultivassem em seus terrenos diferentes espécies vegetais, e que muitas plantas são usadas na cura e no tratamento de doenças.

Na acepção de Silva (2018), o uso de plantas medicinais no tratamento e na cura de doenças é maior em países subdesenvolvidos, posto que essas populações têm as plantas como única fonte de acesso a medicamentos, pois nem todos podem fazer uso de planos de saúde que cobrem alguns tipos de medicação, sendo as plantas de fácil acesso aos que precisam. Essa informação foi evidenciada pelos resultados da pergunta seguinte.

Ao serem questionados sobre o porquê do uso, a resposta em destaque foi “*é de fácil acesso*” (Figura 2). Como menciona França (2016), o Brasil, por ser um País com uma das maiores diversidades de plantas do mundo, admite que sua população faça uso delas em larga escala, devido à reprodutibilidade e aos benefícios, além de que com o avanço da industrialização química e farmacêutica, é possível encontrar diferentes tipos de plantas sobre variadas formas, ou seja, *in natura*, na forma de remédios, cremes, cosméticos, e com princípios ativos cada vez mais puros.

**Figura 2:** Porcentagem de respostas dos moradores sobre o porquê do uso de plantas medicinais



Fonte: Os autores.



No que diz respeito à frequência de uso, 84% responderam que usam em caso de doença; 12%, na prevenção de doenças; e 4%, no uso diário. Esse alto número de pessoas que fazem uso da planta quando está doente é reflexo da prática de utilização dos vegetais de maneira complementar aos medicamentos químicos receitados pelos médicos, representando uma alternativa natural e menos agressiva.

Em se tratando do repasse de conhecimentos sobre plantas medicinais, por unanimidade, disseram “pais e avós”. Essa resposta demonstra que o uso de plantas como forma medicinal por pessoas mais velhas provém de saberes acumulados ao longo das gerações, e essa parcela da população recorre aos remédios naturais encontrados nos quintais. Logo, toda essa experiência é reproduzida aos filhos, netos e bisnetos, permitindo a perpetuação desse aprendizado (Carvalho, 2016).

Os moradores foram inquiridos sobre o conceito de plantas medicinais, e três respostas destacaram-se: Morador A - *“são plantas que apresentam substâncias farmacológicas que encontramos em nosso quintal, não tem agrotóxico, não tem custo e usamos para fazer chás, garrafadas e banhos”*; Morador B - *“plantas medicinais são as que trazem muitos benefícios aos que as usam, seja como remédio, ou para enfeitar o jardim, elas não têm veneno e é muito fácil de plantar, e algumas delas como a folha santa faz uma nova muda de sua própria folha”*; Morador C - *“é uma planta como a cidreira, hortelã, malva do reino, mastruz, que são usadas para remédio e os conhecimentos delas são adquiridos por nossos pais e avós, e repassados a nós que repassamos a nossos filhos, como forma de manter esses saberes ao longo do tempo e faço uso, pois tenho problema de saúde”*.

Quando o morador C testemunha que usou a planta depois que ficou doente, a resposta coaduna com a maioria das pessoas que procura utilizar a planta em forma de chás, infusões ou outros modos, quando diagnosticadas com algum problema de saúde, vendo no vegetal uma forma de cura natural da doença.

Diante das respostas, é perceptível o conhecimento dos entrevistados sobre as plantas medicinais. Para Santos et al. (2016), o uso das plantas, principalmente por pessoas provenientes de comunidades tradicionais, é devido à localidade em que

vivem, sendo propício o seu cultivo, além de que esses locais são afastados das cidades, sendo o vegetal a fonte de remédio mais acessível e barata que a população possui.

Adicionalmente, perguntou-se sobre as plantas utilizadas, para que servem, qual parte é usada e a forma de preparo. As respostas serviram para confeccionar a cartilha contendo as espécies: mastruz (*Chenopodium ambrosioides*); boldo (*Plectranthus barbatus*); hortelã (*Metha spicata*); jatobá (*Hymenae courbaril*); capim-limão (*Cymbopogon citratus*); folha santa (*Kalanchoe pinnata*); podoí (*Copaifera langsdorffii*); manjerição (*Ocimum basilicum*); erva-cidreira (*Melissa officinalis*); ameixa (*Prunus domestica*); aroeira (*Schinus terebinthifolia*); malva do reino (*Malvas sylvestris*); babosa (*Aloe vera*); romã (*Punica granatum*); gengibre (*Zingiber officinale*); juá (*Ziziphus joazeiro*); e açafraão-da-terra (*Cúrcuma longa*).

No entendimento de Silva (2019), o uso de cartilha no contexto escolar vem desde a metade do século XIX representando uma ferramenta educativa de grande importância, pois remete aos alunos maior familiaridade às temáticas abordadas, em face das ilustrações e dos aspectos que por vezes estão interligados com a realidade desses sujeitos. Igualmente, a utilização da cartilha como ferramenta didática pode ser utilizada para diferentes tipos de conteúdo ou áreas de conhecimentos.

Foi desse modo, que a cartilha de plantas medicinais foi apresentada aos moradores e alunos na escola, para que pudessem ampliar seus conhecimentos sobre as plantas medicinais da comunidade.

### **Seqüência didática sobre plantas medicinais**

Atividades experimentais, investigativas e construtivas são ferramentas imprescindíveis para assuntos considerados complexos, pois colocam os alunos em situações que podem torná-los sujeitos ativos e detentores do próprio saber. Assim, quando é possível a experimentação, a aprendizagem torna-se ainda mais significativa, oportunizando uma relação entre teoria e prática (Barbieri, 2011).



Nesse contexto, investigou-se a eficácia do uso da sequência didática com alunos do EJA do ensino fundamental, com idade de 30 a 82 anos, sendo 67% do sexo feminino e 33%, masculino – todos originários da comunidade campesina.

Ao longo da pesquisa, constatou-se o domínio dos alunos sobre o assunto, inferindo-se que isso se deve ao convívio com plantas em todos os locais que frequentam (casa e escola), facultando a eles um conhecimento prévio sobre os vegetais, conforme se depreende pelos resultados da pesquisa.

Ao ser perguntado o que entendem por planta medicinal, sublinharam-se algumas respostas: Educando A - *“são muito importantes para o tratamento e prevenção de diversas doenças”*; Educando B - *“são plantas encontradas em nossos quintais, e não tem custo, devemos sempre ter elas por perto”*; Educando C - *“plantas medicinais são as que usamos para fazer remédios naturais, elas não têm veneno, são mais saudáveis do que os remédios encontrados nas farmácias. Podemos usar quando estamos com dor de cabeça, nossa pressão esta alta ou baixa, quando estamos gripados. No meu quintal tem muitas plantas medicinais, as que mais uso para fazer chá é a hortelã e mastruz, melhor que remédio da farmácia”*.

Segundo Martins (2016), o uso de plantas medicinais é milenar, ou seja, ocorre há muitos anos ao longo da história das civilizações, além de que as organizações públicas estão demonstrando interesse para que a população conheça os benefícios das plantas e de suas propriedades como alternativas aos fármacos industrializados, sendo que o Brasil tem uma cadeia de vida vegetal vasta e próspera, a começar pela floresta Amazônica.

Fez-se o questionamento se todas as plantas apresentadas pelos grupos de alunos eram conhecidas, obtendo-se 100% de afirmação. A propósito, as plantas usadas foram mastruz, boldo, hortelã, erva cidreira, malva do reino, folha santa, capim limão, juá, aroeira e podói. É oportuno ressaltar que essas mesmas plantas foram citadas pelos moradores da comunidade, demonstrando que o conhecimento sobre elas é algo de extrema relevância, e que os saberes são repassados por gerações, sendo consideradas a base para sobrevivência na Terra, sobretudo por serem



organismos produtores e que estão na base da cadeia alimentar. Ademais, conhecê-las é permitir que todos possam usar suas propriedades de cura e tratamento de doenças, bem como é uma forma de preservar as espécies para as futuras gerações (Gonçalves, 2015).

No tocante à opinião sobre a cartilha de plantas medicinais da comunidade, apresentada e entregue aos alunos na escola, alguns alunos assim se manifestaram: Educando A - *“é extremamente importante para melhorar os conhecimentos sobre as plantas e seus benefícios para as pessoas principalmente porque temos elas em nosso quintal”*; Educando B - *“é importante para que todos conheçam, para que outras doenças uma mesma planta serve, e também como podemos encontra elas por outros nomes”*; Educando C - *“foi importante porque tinha a foto da planta, o nome científico e como a comunidade a conhece, também tinha como fazia o remédio com elas, e os outros nomes que podemos chamar”*; Educando D - *“foi muito importante, e quando olhava a foto na cartilha reconhecia a forma que eu faço o chá e muitas delas uso diariamente porque tenho em meu quintal, e são tão boas para a saúde que levo até para os meus vizinhos se eles pedirem, não precisa de outro remédio”*.

Diante do exposto, é possível atestar como a utilização dessa ferramenta pedagógica despertou o interesse sobre as plantas encontradas no cotidiano dos estudantes. Sobre essa questão, Martins (2016) enfatiza que o uso de plantas no tratamento de doenças é algo tão antigo quanto a história, visto que é descrita a utilização de espécies vegetais como mirra e aloe até na Bíblia, e que todos esses saberes foram e são repassados às novas gerações com maior ou menor grau de informação, dependendo do tempo histórico.

No que concerne ao uso da sequência didática na escola, investigou-se se houve facilitação do entendimento sobre o assunto. Por unanimidade, teve-se como resposta que *“sim”*. Dentre as justificativas para a afirmação, relevaram-se duas: Educando A - *“foi muito bom, todas as coisas que fizemos na escola, o trabalho com as plantas, as apresentações, a cartilha, meu entendimento sobre as plantas ficou mais claro. Também gostei, porque foi divertido e mesmo assim entendemos todo o*

*assunto”; Educando B - “o trabalho todo foi muito legal e divertido, e a gente fazendo cada parte é mais divertido, porque ficamos tão concentrados que não vemos o tempo passar, e também, a gente entende tudo mais rápido e fica muito mais fácil o assunto, gostei demais e todos os alunos querem mais aulas assim”.*

Silva (2019) focaliza que a falta de tempo e a elevada jornada de trabalho dos professores fazem com que não tenham como realizar atividades lúdicas, estabelecendo relação entre prática e realidade, e isso causa desinteresse dos educandos quanto aos assuntos abordados em sala de aula.

De acordo com Nicola e Paniz (2016), quando se trabalha em sala com modelos didáticos, melhora-se o desempenho dos estudantes, pois além de conseguirem realizar a visualização de como acontece determinado tema, ainda conseguem participar ativamente, tanto na elaboração quanto nas apresentações.

Ainda foi investigado se os alunos gostariam de mais atividades dessa forma, e todos responderam que “sim”, sob as seguintes justificativas: Educando A - “gostei muito dessas atividades porque a gente pode participar de todas as partes e não ficamos só olhando”; Educando B - “é mais fácil entender o assunto e também alguns dos meus colegas que tem um pouco mais de dificuldade fica melhor porque estamos fazendo e ao mesmo tempo vendo tudo”; Educando C - “quando realizamos atividades assim, melhora o conhecimento porque estamos participando de tudo”.

Tendo isso em vista, aulas práticas nas quais os alunos são parte integrante tornam o aprendizado e a fixação mais efetivos. Vale ressaltar que aulas práticas, não necessariamente em um laboratório com muitos equipamentos – inexistentes em muitas escolas brasileiras –, podem ser feitas no pátio, na sala de aula ou ao ar livre, com a utilização de materiais de baixo custo, permitindo que os educandos vivenciem outro tipo de aula que não seja a teórica (Lopes, 2015).

Para finalizar, os estudantes avaliaram o trabalho como “ótimo” ou “bom” – 78% e 22%, respectivamente. Portanto, houve boa aceitação, patenteando a eficácia de atividades diferenciadas para melhorar o processo ensino-aprendizagem.





Araújo et al. (2017) validam a importância de atividades práticas dentro dos conteúdos de Botânica, mediante a manipulação de recursos lúdicos, de modo que o aluno interrelacione seus conhecimentos prévios na construção de um saber botânico. O susodito autor registra, inclusive, que é necessário fazer com que os assuntos tenham significado para os estudantes, para que tenham a capacidade de fazer relação com outras disciplinas, tomando a Biologia interconectada com as demais áreas do conhecimento.

A contextualização de assuntos está relacionada ao significado que despertam nos alunos. Nessa direção, sabendo da dificuldade de integrar os conteúdos de Botânica, considerada uma disciplina com alto grau de dificuldade, o trabalho foi desenvolvido a partir da sequência didática, a fim de permitir a integração dos conteúdos e a diminuição desse problema, como corroborado por Rosa e Robaina (2020).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho desenvolvido permitiu investigar o uso de plantas medicinais em uma comunidade campesina. A partir desses saberes, foi possível desenvolver uma sequência didática com os alunos do ensino fundamental, interligando os conhecimentos dos moradores e educandos.

A realização da sequência didática em sala de aula consentiu aliar os saberes prévios dos discentes com os adquiridos após a pesquisa, servindo de elo entre o conhecimento popular e o científico. Para finalizar, de forma lúdica e didática, a cartilha com os dados das plantas citadas pelos moradores foi usada para sedimentar o conhecimento sobre plantas medicinais, além de valorizar os saberes dos povos tradicionais.

## REFERÊNCIAS

ALVES, A. M. **Caracterização Física e Química, compostos bioativos e capacidade antioxidante de frutas nativas do cerrado**. Universidade Federal de Goiás. Goiás, 2013.



AMARAL, V. A. E.; RESENDE, A. C. Novo Modelo de Avaliação Psicológica no Brasil.

**Psicologia: Ciências e Profissão**, v. 38, p. 122-132, 2018. Disponível em:

<https://doi.org/10.1590/1982-3703000208680>. Acesso em: 16 jan., 2022.

ANDRADE, C. A construção da identidade, Auto- conceito e autonomia em adultos

emergentes. **Psicologia Escolar e Educacional**. São Paulo – SP, v. 20, n.1, p. 137-146,

2016. Disponível: <https://doi.org/10.1590/1982-370300020150201944>. Acesso em: 20

fev., 2022.

ARAÚJO, P. S. et al. Pharmaceutical care in Brazil's primary health care. **Revista de**

**Saúde Pública**. São Paulo, v. 51, n. 2, p.1-11, 2017. Disponível: [Pharmaceutical care in](https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/31111111/)

[Brazil's primary health care - PubMed \(nih.gov\)](https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/31111111/). Acesso em: 16 fev., 2022.

BASSO, J. D.; SANTOS-NETO, J. L.; BEZERRA, M. C. S. **A Pedagogia histórico-crítica e**

**educação no campo**: história, desafios e perspectivas atuais. São Carlos: Pedro & João

Editores e Navegando, p. 305, 2016.

BARBIERI, J. C. **Gestão Ambiental Empresarial**: Conceitos, Modelos e Instrumentos. 3.

ed. São Paulo: Saraiva, 2011.

BARRACHO, C. **Psicologia Política**. 1 ed. Lisboa: Escolar Editorial, 2011.

BENNETT, R. E. The Changing Nature of Educational Assessment. **Review of Research**

**in Education**, v. 39, n. 1, p. 370-407, 2015.

BUENO, E; TAITELBAUM, P. **Vendendo saúde: a história da propaganda de**

**medicamentos no Brasil**. Brasília, 2008.

CARVALHO, R. S. Análise do discurso das diretrizes curriculares nacionais de educação

infantil: currículo como campo de disputas. **Educação**. Porto Alegre, v. 38, n. 3, p. 466-

476, set./dez. 2016. Disponível: <https://doi.org/10.15448/1981-2582.2015.3.15782>.

Acesso em: 8 jan., 2022.

CHEN, Y. et al. Overdosage of Balanced Protein Complex Reduces Proliferation Rate in

Aneuploid. **Cell Systems**, v. 9, n. 2, p. 129-442, 2019. Disponível em: [Overdosage of](https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/31111111/)

[Balanced Protein Complexes Reduces Proliferation Rate in Aneuploid Cells - PubMed](https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/31111111/)

[\(nih.gov\)](https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/31111111/). Acesso em: 10 fev., 2022.

CUNHA, L. A. O sistema nacional de educação e o ensino religioso nas escolas públicas.

**Educação, Sociedade**, v. 34, n. 124, p. 925-941, 2013. Disponível em:

<https://doi.org/10.1590/S0101-73302013000300014> Acesso em: 10 jan., 2022.



FRANÇA, J. F. A. Uma teoria substancialmente crítica da pena: o abolicionismo pede passagem. **Boletim IBCCRIM**, v. 24, p. 11-13, 2016.

FREITAS, M. F. R. L.; SCHELINI, P. W.; PERES, E. R. Escala de identificação de dotação e talento: Estrutura e consistência internas. **Psico – USF**, v. 22, n. 3, p. 473-484, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-82712017220308>. Acesso em: 20 fev. 2023.

GONÇALVES, F. **De poeta a editor de poesia: a trajetória de Machado de Assis para a formação de suas Poesias completas**. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015.

IBGE. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**- Censo Demográfico. Brasília, 2021. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/>. Acesso em: 20 fev. 2023.

KAUFMAN, D. O protagonismo dos algoritmos da Inteligência Artificial: observações sobre a sociedade de dados. **Teccogs: Revista Digital de Tecnologias Cognitivas**, n. 17, p. 44-58, jan-jun., 2018.

KRASILCHIK, M. **Prática de ensino de biologia**. 4. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2016.

LIMA, I. G.; GANDIN, L. A. O contexto da consolidação das avaliações em larga escala no cenário brasileiro. **Educação e Sociedade**. Campinas, v. 40, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/ES0101-73302019204183>. Acesso em: 30 dez., 2021.

LIMA, J. M. M. **A inserção das novas tecnologias digitais na educação em tempos de pandemia**. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**, v. 3, n. 3, p. 171-184, 2021. Disponível em: <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/educacao/a-insercao>. Acesso em: 20 jan., 2022.

LOPES, A. C. Por um currículo sem fundamentos. **Linhas Críticas**. Brasília, v. 21, n. 45, p. 445-466, 2015. Disponível em: [Por um currículo sem fundamentos | Linhas Críticas \(unb.br\)](https://www.linhascriticas.unb.br/). Acesso em: 10 jan., 2022.

LUSTOSA, F. G.; MARIANA, F. B. **Diversidade, diferença e deficiência: Análise histórica e narrativa cinematográfica**. Fortaleza: Edições UFC, p. 235, 2017.

MACHADO, A. R.; CRISTOVÃO, V. L. L. **A construção de modelos didáticos de gêneros: aportes e questionamentos para o ensino de gêneros**. Campinas – SP, p. 123-151, 2009.



MARTINS, X. **Contribuição para o estudo do valor socioeconômico e cultural das plantas medicinais de Timor-Leste.** Coimbra, 2016. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/354353635\\_CONTRIBUICAO\\_PARA\\_O\\_ESTUDO\\_DO\\_VALOR\\_SOCIOECONOMICO\\_E\\_CULTURAL\\_DAS\\_PLANTAS\\_MEDICINAIS\\_DE\\_TIMOR-LESTE](https://www.researchgate.net/publication/354353635_CONTRIBUICAO_PARA_O_ESTUDO_DO_VALOR_SOCIOECONOMICO_E_CULTURAL_DAS_PLANTAS_MEDICINAIS_DE_TIMOR-LESTE). Acesso em: 20 fev., 2022.

MOTATTI, M. R. **Entre a literatura e o ensino: a formação do leitor.** São Paulo: Editora Unesp, 2018.

NICOLA, J. A.; PANIZ, C. M. A importância da utilização de diferentes recursos didáticos no ensino de biologia. **Infor, Inov. Form., Rev. NEaD-Unesp**, São Paulo, v. 2, n. 1, p. 355-381, 2016.

PEIXOTO, F.; WOSNITZA, M.; PIPA, J.; MORGAN, M. C. C. **A multidimensional view on pre-service teacher resilience in Germany, Ireland, Malta and Portugal.** In: Wosnitza, M., Peixoto, F., Beltman, S. and Mansfield, C., (eds.) Resilience in Education. p. 73-89, 2018. Disponível em: [https://doi.org/10.1007/978-3-319-76690-4\\_5](https://doi.org/10.1007/978-3-319-76690-4_5). Acesso em: 22 jan., 2022.

PEREIRA, T. L. **Monopolização do Ensino Superior privado no Brasil por meio de processo de fusões e aquisições: o grupo UNIESP em questão.** Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande/MS, 2017.

ROSA, S. S.; ROBAINA, J. V. L. O Ensino de Ciências nas Escolas do Campo a partir da análise da produção acadêmica. **Revista Insignare Scientia**, v. 3, n. 2. p. 156-175, mai./ago., 2020. Disponível em: [10.36661/2595-4520.2020v3i2.11161](https://doi.org/10.36661/2595-4520.2020v3i2.11161). Acesso em: 15 dez., 2022.

SANTOS, J. A. A. et al. Diagnóstico e educação em saúde no uso de plantas medicinais: relato de experiência. **Revista Ciência em Extensão**. v.12, n.4, p.183-196, 2016.

SILVA, A. R. **Jogos digitais no ciclo de alfabetização: um caminho no processo de alfabetizar letrando.** Dissertação (Mestrado Profissional em Inovação em Tecnologias Educacionais) - Instituto Metrópole Digital, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2019.

SILVA, E. C. A. Povos Indígenas e o direito à terra na realidade brasileira. **Serviço Social e Sociedade**, n. 133, p. 480-500, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0101-6628.155>. Acesso em: 10 fev., 2022.

SOUZA, J. **A tolice da inteligência brasileira: ou como o país se deixa manipular pela elite.** São Paulo, 2015.

VALLE, T. G. M. **Aprendizagem e desenvolvimento humano: avaliações e intervenções**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009.

ZABALA, A. et al. **Didática geral**. Consultoria editorial: Beatriz Vargas Dorneles. Porto Alegre: Penso, 2016.

Data da submissão: 10/05/2024

Data do aceite: 22/07/2024